

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 00114 468

Data 08 / 10 / 2007

() Compra (x) Doação () Permuta

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

Dilene Constantino dos Santos

**FATORES DE TEXTUALIDADE: A COERÊNCIA E A COESÃO NOS TEXTOS
PRODUZIDOS EM SALA DE AULA**

**Pontes e Lacerda/MT
2007/1**

81'42
52378
ex.01
C92568928

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

Dilene Constantino dos Santos

**FATORES DE TEXTUALIDADE: A COERÊNCIA E A COESÃO NOS TEXTOS
PRODUZIDOS EM SALA DE AULA**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciada em Letras no Campus Universitário de Pontes e Lacerda.

Orientadora: Profª. Esp. Elizangela Patrícia Moreira da Costa.

**Pontes e Lacerda/MT
2007/1**

BANCA EXAMINADORA

Profª. Esp. Elizangela Patrícia Moreira da Costa (Orientadora)

Departamento de Letras – Pontes e Lacerda/MT

Profª. Ms. Tereza de Pazos da Silva (Membro)

Departamento de Letras – Pontes e Lacerda/MT

Prof. Dr. José Leonildo Lima (Membro)

Departamento de Letras – Pontes e Lacerda/MT

Pontes e Lacerda/MT, ____/____/____

Nota: _____

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela força no decorrer do caminho, a minha mãe e a meu pai, à prof.^a Elizangela pelo empenho e dedicação; às amigas Cleide, Karla, Keila e Waldirene e às minhas irmãs Darcilene e Verônica.

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e o do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro.

(Mikhail Bakhtin)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de um trabalho desenvolvido em sala de aula. Tem como objeto de análise as produções de texto de uma 6ª série da Escola Estadual com a finalidade de verificar como se configura na escrita dos alunos os fatores de textualidades: coerência e coesão textual.

Esta pesquisa justifica-se por pretender provocar reflexões acerca do ensino de Língua Portuguesa, especificamente sobre o lugar da produção de textos no contexto da sala de aula.

Palavras-chave: Texto, coesão, coerência, escrita, leitura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	..08
1 TEXTO: CONCEITO.....	09
2 FATORES DE TEXTUALIDADE: COERÊNCIA E COESÃO TEXTUAIS.....	11
2.1 A coerência textual.....	12
2.2 A coesão textual.....	13
2.3 Metodologia de ensino de Língua Portuguesa.....	16
2.4 A prática de produção de texto: uma experiência.....	19
3 ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE TEXTOS.....	22
3.1 Texto 1.....	23
3.2 Texto 2.....	25
3.3 Texto 3.....	27
3.4 Texto 4.....	28
3.5 Texto 5.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

INTRODUÇÃO

O interesse pela temática proposta neste trabalho de conclusão de curso surgiu da minha experiência em sala de aula e também durante a monitoria de observação e dos estágios – disciplinas do curso de Letras, quando percebi um instigante objeto de pesquisa, pois os alunos não apresentavam, na produção de textos, conhecimentos sobre coesão e coerência textual.

Realizei além dos estudos teóricos, atividades de observação e coleta de materiais para análise dos textos produzidos por alunos da sexta série de uma escola pública da rede estadual de ensino do município de Pontes e Lacerda-MT, com o objetivo de verificar como se configura na escrita do aluno tais fatores de textualidade: a coesão e a coerência textual a partir da estratégia de leitura e produção adotada pela professora da sala. Esta análise objetiva contribuir para uma reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa, especificamente a produção de textos.

No primeiro capítulo, abordo alguns dos principais conceitos sobre texto tendo como embasamento os autores Ingedore Villaça Koch, João Wanderley Geraldi e Leonor Lopes Fávero. A partir destes autores discutirei as teorias necessárias para iniciar o trabalho de pesquisa; abordando, principalmente, as concepções de texto e de alguns fatores de textualidade: a coesão e a coerência textual.

Já no segundo capítulo relato a experiência como observadora, bem como a metodologia empregada pelo professor nos trabalhos de prática de produção de texto em sala.

A pesquisa no terceiro capítulo apresenta as análises dos textos coletados em sala, apontando os resultados observados na expectativa de contribuir com as práticas de ensino, no que se refere a Língua Portuguesa.

Para que se contemplem tais objetivos faz-se necessário discutir, primeiramente, as concepções vigentes de texto, fatores de textualidade, para, em seguida, partir para o resultado das análises dos textos coletados dos alunos sujeitos da pesquisa.

1 TEXTO: CONCEITO

A palavra texto, no sentido teórico da palavra, tem vários significados de acordo com o pensamento de cada autor. O presente trabalho baseia-se na fundamentação teórica de João Wanderley Geraldi, Leonor Lopes Fávero e Ingedore Villaça Koch, segundo a qual:

[...] o texto pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana, e que são postas em situações concretas de interação social. (KOCH, 2003, p. 26).

Sendo assim, a produção textual é uma atividade verbal que permite que o sujeito interaja na ação, usando estas atividades para uma função social, consciente e criativa na qual, ao ser colocado em contato com o receptor, consiga ter essas funções compreendidas. Com isso, a produção textual é uma interação entre os interlocutores do texto, seja oral, seja escrito.

A produção textual na escola também pode ser uma atividade interacional em que os alunos possam desenvolver suas habilidades com a escrita, usando desta como meio de comunicação entre os falantes de uma mesma comunidade. Desta forma, a produção de texto é uma atividade importante na construção do conhecimento dos alunos, podendo o professor ser uma peça fundamental neste processo, proporcionando ao aluno meios que o façam conhecer desde a estrutura mais elementar de um texto até as possíveis interpretações de sentidos. O texto não é apenas a junção de várias palavras, mas a conexão entre elas, utilizando neste processo os elementos lingüísticos necessários para a organização das palavras com significados e que as idéias do autor do

texto sejam reunidas de forma clara e objetiva, sobretudo de uma forma coesa e coerente.

Então podemos:

[...] conceituar o texto como uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos selecionados e ordenados pelos co-enunciadores, durante a atividade verbal, de modo a permitir-lhes, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas sócio-culturais. (KOCH, 2003, p. 27).

O texto, como unidade de sentido, não é apenas uma questão de ordem estrutural, mas também está ligado a interação ou atuação das práticas sócio-culturais, visto que o autor do texto traz consigo suas marcas, ou seja, sua impressão do mundo que o cerca, deixando transparecer sua visão ao escrever seu texto.

São estas questões que ao longo da pesquisa procuraremos identificar nos textos, não só a questão estrutural. Veremos também as questões de ordem interpretativa, visto que dependendo do que o autor utiliza pode nos dar pista de como o seu texto foi elaborado e se a mensagem do seu texto chegou ao receptor com a informação desejada pelo seu autor.

Como o texto escrito é a fonte principal do nosso trabalho, é muito importante dizer que é nele que estão contidas as informações, para solucionar as dúvidas, ser informativo e também é uma forma de estimular a criatividade. É através do uso adequado das palavras, fazendo isto de forma coerente, sabendo onde empregar-las, que, segundo Mikhail Bakhtin “[...] Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro” (BAKTIN apud GERALDI, 1984, p. 41). E o texto, sendo essa construção e a ligação entre elas, nada mais é senão a essência.

2 FATORES DE TEXTUALIDADE: COERÊNCIA E COESÃO TEXTUAIS

Os fatores de textualidade, dispostos ao longo do texto, são elementos que dão características e deixam impressas as marcas pela mensagem que o texto quer transmitir.

São os fatores de textualidade que, trabalhados dentro de um texto, darão sentido à produção textual. O texto depende destes fatores para que seja considerado como coeso e coerente, pois é a partir destes elos que o texto passa a ser uma unidade de significação. Sendo assim,

[...] o texto é considerado como manifestação verbal, constituída de elementos lingüísticos de diversas ordens, selecionadas e dispostos de acordo com as virtualidades que cada língua põe a disposição dos falantes no curso de uma atividade verbal, de modo a facultar aos interactantes não apenas a produção de sentidos, como a fundear a própria interação como prática sócio-cultural. (KOCH, 2003, p.31).

Sendo assim, a análise da produção de textos vai depender, principalmente, destes fatores implícitos no texto.

2.1 A coerência textual

A coerência é um dos fatores de textualidade mais importantes na produção textual, visto:

[...] que a coerência está diretamente ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto. (KOCH e TRAVAGLIA, 1995, p. 21).

Sendo assim, é a coerência responsável pelo conjunto harmônico de palavras e sentidos, que denominamos texto.

Mas este conceito apenas não é o suficiente para se dizer que um texto é coerente, é necessário dizer também que Koch e Travaglia (1995) “[...] para haver coerência é preciso que haja possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos” (p. 21). Isto quer dizer, que um texto coerente tem que ter uma ligação entre seus elementos, e estes, tornam o texto uma unidade significativa. Quer dizer que a partir das expressões encontradas no texto, é que irão surgir pistas sobre a continuidade dos sentidos. E é através destes que o texto se compõe enquanto unidade, e pode se tornar um texto acessível e relevante.

Nas produções textuais, os processos cognitivos operantes aparecem para caracterizar a coerência. São estes que dão possibilidade de se estabelecer um mundo textual ficar próximo do “mundo real”. Daí surge a necessidade de um texto ser entendido e se fazer entender. Para que este tenha melhor aproveitamento, estes elementos têm que estar em acordo e juntos criar elos para que sua compreensão não fique a desejar.

Então, pelo que observamos, a coerência é o que dá conta do processamento cognitivo do texto, é o que permite uma melhor análise.

Por isso, como diz Fávero:

O texto contém mais do que o sentido das expressões na superfície textual, pois deve incorporar conhecimentos e experiência cotidiana, atitudes, e intenções, isto é, fatores não lingüísticos. Deste modo um texto não é em si coerente ou incoerente; ele o é para um leitor/alocutário numa determinada situação. (FÁVERO, 2002, p. 60).

Isto é, vai depender do contexto em que está inserido e também como este leitor o interpreta.

2.2 A coesão textual

Também não poderíamos falar de coerência sem falar em coesão, mesmo que ambas nem sempre precisem estar ligadas uma a outra, um texto pode ter em sua estrutura um ou outro aspecto.

Halliday e Hasam definem a “coesão como um conceito semântico, um conceito que se refere às relações de significado que existem dentro do texto e o definem como texto” (BASTOS, 2001, p. 03). Para eles a relação semântica entre um elemento no texto e um outro elemento é crucial para sua interpretação, não basta só isso, é necessário que haja um grau de coerência, que inclui os vários componentes interpessoais (social, expressivo, conativo – e as outras formas de influência do falante na situação de fala).

Segundo os autores, se o texto é coerente em relação ao contexto da situação, “consiste em registro”, e se é coerente com relação a si próprio é também coeso.

Já para o autor Charolles, não tem como distinguir coesão e coerência, para ele coerência e linearidade textual tem que estar relacionadas “não se pode questionar a

coerência de um texto sem se levar em conta a ordem em que aparecem os elementos que o constituem.” (BASTOS, 2001, p. 05). Sendo assim, os elementos lingüísticos que o constituem são muito significativos, visto que são eles que dão a coerência do texto.

Vimos então dois pontos de vista distintos sobre a coesão e coerência; mas pode-se dizer que de uma forma ou de outra os dois aspectos estão interligados. Já que para eles, a coesão “[...] não é uma questão do que um texto significa, mas de como o texto está edificado semanticamente” (BASTOS, 2001, p.12).

Os elementos coesivos agem no texto quando, por exemplo, retomam palavras, expressões ou idéias anteriores, portanto tanto podem servir de continuidade ao texto e estabelecer relações de idéias entre palavras, orações ou parágrafos, pode estabelecer relação semântica de contradição e de concessão e também uma relação semântica de síntese. Então à esta conexão interna entre os vários enunciados dentro de um texto dá-se o nome de coesão. Pois o texto tem coesão quando os seus vários enunciados estão organicamente articulados entre si.

A conexão entre vários enunciados se dá nas relações de sentido que há entre eles. São essas relações de sentido que são manifestadas por certa categoria de palavras às quais são denominadas conectivas ou elementos de coesão.

Com isto, a função deste no texto é a de colocar as várias relações de sentido que existem entre os enunciados.

Dentre os elementos de coesão podemos citar:

- as preposições: a, de, para, com, por, etc.
- as conjunções: que, para que, quando, embora, mas, e, ou, etc.
- os pronomes: ele, ela, seu, sua, este, esse, aquele, que, o qual, etc.
- os advérbios: aqui, ai, lá, assim, etc.

Com isto, para se escrever um texto coeso são necessários alguns pontos importantes, tais como:

- 1 – ter em mente que é necessário “fazer-se compreender”;
- 2 – estabelecer uma relação com o interlocutor ou interlocutores do texto a ser lido;
- 3 – reconhecer que um texto não deve ser “fechado em si mesmo”, impenetrável a qualquer leitura e “sim deve ser algo que possa servir como veículo de interação entre os interlocutores”.

- 4 – estar ciente de que na modalidade escrita, é preciso considerar a “argumentação”, pois é através dela que o locutor defende seu ponto de vista.

Podemos considerar, então, que é a conexão entre os vários enunciados dentro de um texto que se dá a coesão. Portanto, quando os seus vários enunciados estão organicamente articulados entre eles, o texto se unifica tornando-se assim uma unidade de sentido. Segundo Fávero, há três tipos de coesão: coesão referencial, recorrencial e seqüencial. A coesão referencial funciona da seguinte forma: “Há certos itens na língua que têm a função de estabelecer referência, isto é, não são interpretados semanticamente por seu sentido próprio, mas fazem referência a alguma coisa necessária a sua interpretação” (FÁVERO, 2002, p. 18). Podemos ter a coesão referencial por substituição e por reiteração. Mostrarei como se dão as duas formas.

Por substituição, um componente é retomado ou procedido por uma pro-forma, isto é, um elemento gramatical traz as marcas do que o substitui. Neste caso pode ser de retomada, onde acontece a anáfora, e de sucessão onde acontece, uma catáfora.

As pro-formas podem ser pronominais, verbais, adverbiais, numerais, e exercem função de pro-sintagma, pro-constituente ou pro-oração. Por reiteração, é quando há expressões de repetição no texto. Isto acontece por vários fatores: são eles por repetição do mesmo item lexical, exemplo:

- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três...trinta e três, por sinônimos. Na sinonímia o que de mais relevante que podemos dizer é que ela não é um problema léxico, mas textual. Exemplo:

A criança caiu e chorou. Também o menino não fica quieto! Por Hiperônimos e hipônimos.

Quando o primeiro elemento mantém com o segundo uma relação todo – parte – classe – elemento, tem-se um hiperônimos; e, quando o primeiro elemento mantém com o segundo uma relação parte – todo, elemento, classe, tem-se o hipônimo. (FÁVERO, 2002, p. 24)

Por expressões nominais definidas, acontece por repetições de formas diversas, que se baseiam no nosso conhecimento de mundo não conhecimento lingüístico.

Por nomes genéricos são eles nomes gerais como: gente, pessoa, coisa que funcionam como itens de referência anafórica.

A coesão recorrencial acontece “[...] quando, apesar de haver retomada de estruturas, itens ou sentenças, o fluxo informacional caminha, progride, tem, então, por função levar adiante o discurso” (FÁVERO, 2002, p. 26).

Os casos de coesão recorrencial podem ser por: recorrências de termos, paralelismo, paráfrase, recursos fonológicos, segmentais e supra-segmentais.

Por exemplo, de recorrência de termos;

- “Irene preta

- Irene boa

Irene sempre de bom humor [...]” (FÁVERO, 2002, p. 27).

De paráfrase, é quando se reformula o conteúdo de um texto fonte, num texto derivado.

Coesão seqüencial “são os que têm por função, da mesma forma que de recorrência, fazer progredir o texto, fazer caminhar o fluxo informacional” (FAVERO, 2002, p. 33).

2.3 Metodologia de ensino de Língua Portuguesa

A escola de hoje oferece uma Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa que aborda em suas concepções de linguagem, a escrita e a leitura da seguinte forma:

No trabalho com a palavra escrita na escola utiliza-se uma metodologia ultrapassada, uma que há a valorização de um trabalho de conceituação, baseada na tipologia textual clássica (narração, descrição e dissertação) e prevalece, na leitura, a retirada de informações explícitas no texto e um trabalho mais dirigido no conteúdo veiculado pelos textos. (LOURDES, MATENCIO, 2002, p.22)

Não é suficiente para suprir as deficiências lingüísticas pelas quais os alunos, enquanto interlocutores do processo de ensino aprendizagem, não conseguem se adequar a um bom rendimento, ou seja, que consigam usar a escrita e a oralidade de forma mais satisfatória. Para tanto, é necessário repensarmos se este ensino de Língua Portuguesa, que está sendo disponibilizado na rede pública, é um ensino que possibilita ao aluno ter um domínio efetivo da língua.

Para isso, precisamos observar como se dá o ensino de Língua Portuguesa, no que se refere ao trabalho com produção de textos, e quais questionamentos fazemos, enquanto professores, ou melhor, enquanto mediadores de aprendizagem. Sendo o professor este mediador entre os interlocutores do processo de aprendizagem, cabe a este possibilitar, através dos mecanismos de ensino, que seus alunos utilizem da linguagem, seja ela escrita ou oral, da melhor forma possível.

Assim precisamos conhecer como acontece o ensino de Língua Portuguesa e quais fatores envolvem este processo. Para começarmos, precisamos observar que

[...] é preciso que se tenha presente que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade como os mecanismos utilizados em sala de aula. (GERALDI, 1984, p.42)

Então, tudo que envolve o ensino-aprendizagem, os exemplos, os conteúdos ensinados, como são trabalhados tais conteúdos e quais abordagens são usadas, as bibliografias, as avaliações, os relacionamentos e a interação que há entre os alunos; todos estes fatores que acontecem na sala de aula; são fatores que determinam a forma a qual o professor dará rumos ao seu trabalho.

Segundo Geraldi (1984), para se ter uma resposta de “para que” ensinamos, precisamos responder a seguinte questão: qual é a minha concepção de linguagem? Ele sugere três concepções importantes, que cito e depois me fundamento em uma delas.

a) **A linguagem é a expressão do pensamento:** esta concepção ilumina, basicamente, os estudos tradicionais. Se concebemos a linguagem como tal, somos levados a afirmações correntes de que pessoas que não conseguem se expressar não pensam;

b) **A linguagem é instrumento de comunicação:** esta concepção está ligada à teoria da comunicação e vê a língua como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor uma certa mensagem. Em livros didáticos, esta é a concepção confessada nas instruções ao professor, nas instruções, nos títulos, embora, em geral, seja abandonada nos exercícios gramaticais;

c) **A linguagem é uma forma de inter-ação:** mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana: através dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando: com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não pré-existiam antes da fala.

A concepção na qual este trabalho de pesquisa irá se situar é a que concebe a linguagem como uma forma de interação, já que na construção do conhecimento, mais especificamente aqui, na questão da prática de produção de textos, é necessário que haja essa interação, não só com a linguagem, mas com o meio do aluno que a partir daqui é o sujeito da ação.

O ensino de Língua Portuguesa é mais do que a simples decodificação das estruturas gramaticais do mundo da escrita, é preciso que o professor, enquanto mediador utilize estas estruturas, mas é fundamental que este tenha um conhecimento prévio de como usar os elementos lingüísticos, especificamente na prática de produção do texto e leitura, pois só assim há meios de se ter um contexto mais adequado na hora das produções textuais.

O professor não pode ser visto como um simples transmissor de conhecimento, ele tem que ser o mediador, aquele que apresenta os conhecimentos significativos e que dará margem aos seus alunos para desenvolver suas habilidades textuais. Pois é a partir do momento que o aluno tem um contato maior com os livros, revistas, jornais, ou seja, material comunicativo mais amplo e de qualidade, a tendência é que este aluno, cercado de tais meios, tenha uma melhor visibilidade da língua materna, a partir da prática que o aluno adquire conhecimento e vai saber usar melhor o que aprendeu.

Pois, assim, estudar a língua, como fator comunicativo, é também

[...] tentar detectar os compromissos que se criam através da fala e as condições que devem ser preenchidas por um falante para falar de forma

que fala em determinada situação concreta de interação. (GERALDI, 1984, p.44).

Aqui podemos dar ênfase de como os falantes determinam essas situações, pois estes fatores também influenciam na ora da escrita, já que é difícil separar a escrita da oralidade, pois acreditamos que uma está relacionada à outra. Assim, o ensino de Língua Portuguesa precisa ser mais do que temos visto na realidade em sala de aula. É preciso que a linguagem seja vista de uma forma mais interativa entre seus interlocutores. Para isto, o ensino de Língua Portuguesa ainda precisa de uma melhor elaboração. É parte destes questionamentos que nós, enquanto professores de Língua Portuguesa, precisamos refletir.

Não podemos ficar só apontando falhas, precisamos também querer mudar o ensino de Língua Portuguesa, necessariamente como ele acontece, identificar as possíveis falhas e propor melhoria para este quadro.

Cabe ao professor também querer mudar, ou pelo menos, ser um professor pesquisador, que busque colocar-se no processo de conhecimento, que participe dessa interação, não só a interação do aluno com a linguagem, mas do professor que está ciente daquilo que ensina e para que ensina.

2.4 A prática de produção de texto: uma experiência

Nas aulas de prática de ensino de Língua Portuguesa e nas experiências do Estágio Supervisionado, percebi uma necessidade de pesquisar como eram tratadas as produções de textos e leitura em sala de aula. Durante esse período comecei a perceber as dificuldades dos alunos em atividades que envolviam habilidades de leitura e escrita. Surgiu, então, esta proposta de pesquisa que me permite maiores reflexões a partir da realidade observada em sala de aula.

Foi na pesquisa de campo, em sala de aula, que observei como o professor trabalhava os textos, de que forma discutia os temas com seus alunos e como pretendia, através das atividades propostas, alcançarem seus objetivos. A metodologia que usei foi

a observação do trabalho do professor. A escola foi escolhida aleatoriamente.

Percebe-se que nas aulas de produção de texto, em sua maioria, o professor usa de outros textos, selecionados anteriormente, para trabalhar a produção textual. Os mesmos são apresentados aos alunos como uma forma de exemplificar e a partir deste ponto trabalha-se o que gostaria de abordar. Por exemplo, o professor apresenta uma tipologia textual: texto narrativo, sem explorar suas características de maneira que torne a aprendizagem significativa, fica na superficialidade do texto. Percebe-se claramente o uso do texto, como pretexto para ensinar determinados conteúdos com atividades que não incentivam o aluno a atribuir sentido ao texto ou mesmo reconhecer as características fundamentais da tipologia textual trabalhada.

Para que os alunos sejam bem preparados para o momento da produção é necessário que este seja um bom leitor, não aquele leitor que lê apenas mecanicamente, mas que seja um leitor crítico, pois é a partir do momento que o aluno tem uma bagagem mais significativa de leituras que o seu conhecimento amplia em vários aspectos.

Segundo (GERALDI, 1984) o ensino de línguas deve centrar-se em três práticas:

- 1 – Prática de leituras de textos;
- 2 – Prática de produção de textos;
- 3 – Prática de análise lingüística;

Com essas práticas têm-se dois objetivos primordiais que são:

- a) Tentar ultrapassar a artificialidade que se institui na sala de aula no uso da linguagem. Isto quer dizer que muitas vezes apenas se mascara o uso da linguagem não fazendo dela um instrumento mais significativo e representativo na vida dos alunos;
- b) Possibilitar, pelo uso não artificial da linguagem, o domínio efetivo da língua padrão em suas modalidades oral e escrita; dessa forma o aluno aprenderia a efetivar o uso da linguagem nas suas modalidades, tornando a prática de leitura e produção de textos mais significativas no processo ensino-aprendizagem. (p. 77)

Observa-se que para uma boa produção de textos é preciso oferecer aos alunos boas leituras, para que eles possam estar mais fundamentados e seguros na hora da escrita, que tenham boas interpretações do mundo o que o cerca. A leitura, à qual nos referimos, não é só a de ler o que está escrito- a decodificação -, mas uma leitura de mundo que acontece muito antes da leitura das palavras.

É igualmente importante trabalhar os elementos lingüísticos nos textos. É necessário que os alunos saibam, ou pelo menos conheçam as regras gramaticais para que as utilizem em suas produções. Pois a produção de texto é um trabalho que, se construído aos poucos na vida do aluno, mostra a este, durante o processo de ensino-aprendizagem, como se deve produzir textos coesos e coerentes, o que se concretiza em atividades significativas de leitura e produção de textos em sala de aula.

Sendo assim, a melhor metodologia para o trabalho com a leitura e a escrita quem define é o professor visto ser ele o mediador entre o aluno e a aprendizagem. É o que melhor conhece a realidade lingüística dos seus alunos.

3 ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE TEXTOS

Como observamos no decorrer no trabalho, a produção de textos dos alunos depende, fundamentalmente, da prática do professor em sala de aula, da metodologia e das estratégias utilizadas, de como os alunos constroem o conhecimento, por meio de atividades práticas e significativas do processo de trabalho.

O aluno precisa, com a leitura e a escrita, perceber a finalidade de um texto, bem como reconhecer as características da tipologia textual que pretende produzir. Sendo assim, não podemos discutir produção textual dissociada da leitura, pois a leitura de mundo precede à escrita. Para formarmos um leitor e escritor proficiente é necessário oferecer textos diversificados, coerentes e coesos, através de aulas que propiciem a aprendizagem significativa. Dessa forma, seu universo lingüístico e sua visão de mundo se ampliam, e possibilita a produção de bons textos coesos e coerentes.

O presente trabalho constitui-se na análise de alguns textos produzidos por alunos de uma 6ª série de uma escola pública estadual do município de Pontes e Lacerda/MT. E tem por objetivo investigar o lugar e o significado da escrita na produção textual de alunos do Ensino Fundamental, na tentativa de compreender e analisar as dificuldades apresentadas pelos mesmos no momento da produção escrita de textos coesos e coerentes.

Vale ressaltar que a metodologia utilizada pela professora foi à exposição de alguns textos, seguida da explicação de termos desconhecidos, solucionando dúvidas sobre os textos de maneira há auxiliá-los nas produções seguintes. Como a professora nas aulas anteriores tinha apresentado textos que abordavam a temática do oriente, a mesma trouxe como sugestão duas imagens para que os alunos escolhessem o que mais se identificariam para produzir seus textos. Uma das imagens tinha o tema do oriente e a outra escolar. Sendo assim, a maioria dos alunos optou pela o tema do oriente por ter se identificado com os textos trabalhados anteriormente.

Seguem, abaixo, os textos¹ produzidos por cinco alunos, de um universo de trinta e dois alunos.

3.1 Texto 1

Era uma vez gênio, ele era muito solitário, ele não tinha com quei conversar ele era muito sozinho.

E um sento dia ele resolveu andar pelo seu jardim, e la ele encontrou uma linda garrafa, dentro dessa garrafa tinha uma linda gênio eles se conhecero e se torno amigo.

Ele se apaixonou se ponrela mais ela não gostava dele e ele sofria muito com isso mais asi mesmo ele contenuou a gosta dela mesmo que seu amor não fosse correspondido, só com o tempo ela foi se apaixonado por ele, so que ela não admitia que amava.

Um sento dia eles resolveu e admitiu o que sentia um pelo outro e asi eles foram felizes

Moral da historia

Admita o que você seite um pelo outro, e tudo que seu coração pedi ouça seu coração.

No primeiro parágrafo do texto, o aluno diz que: *Era uma vez um gênio, ele era muito solitário, ele não tinha com quei conversar eles era muito sozinho*. Observa-se a repetição do pronome *ele*, para se referir ao personagem de sua história. Poderia ser evitado, com o uso de elos que tomariam o texto coeso. Esse problema poderia ser solucionado se fossem substituídos os termos desnecessários por outros elementos de coesão.

No segundo parágrafo o pronome *ele* não retoma termo anterior: *E um sento dia ele resolveu andar pelo seu jardim, e la ele encontrou uma linda garrafa, dentro dessa garrafa tinha uma linda gênio eles se conhecero e se torno amigo*. Percebe-se também o

¹ Textos transcritos fielmente ao que foi produzido pelo aluno.

uso inadequado da conjunção *e* que tem finalidade de dar idéia de adição de nova informação. Nesta frase a conjunção *e* poderia ser suprimida ficando assim: *Certo dia, ele resolveu...*

A partir do terceiro parágrafo a idéia que a conjunção *e* desempenha no texto é de consequência: ... *ela não gostava dele e ele sofria muito com isso*. Podendo assim a conjunção *e* ser substituída pelo elo de ligação *por isso* dando idéia de consequência na ligação de um enunciado ao outro. ... *ela não gostava dele, por isso sofria muito*.

Outra questão que o texto deixa transparecer é como o aluno transfere para escrita marcas da oralidade, como nos exemplos: *quei, resolveu, jardi, conhecero, asi* ao invés de se escrever na forma escrita *quem, resolveu, jardim, conheceram, assim*.

No terceiro parágrafo do texto percebe-se a ausência de pontuação e repetição de termos compromete a compreensão do texto, veja:

Ele se apaixonou se ponrela mais ela não gostava dele e ele sofria muito com isso asi mesmo ele continou a gosta dela mesmo que seu amor não fosse correspondido, só com o tempo ela foi se apaixonado por ele, so que ela não admitia que amava.

Embora o texto apresente essas deficiências, podemos dizer que ele é um texto coerente já que apresenta linearidade de idéias como pode ser verificado na citação acima.

3.2 Texto 2

O genio que não sabia pedir so mandar e ordenar.

Era uma vez um rei muito imaginario que tinha que tinha uma grande vontade de encontrar a lampada do aladim, muitos anos depois que aladim já tinha morrido há uns 2 anos mil anos atras, ele a escondeu em alguma caverna e niguem nunca achou mas Bibat o rei nunca disistiu de procurar. Ate que um dia os sulditos do rei troxeram a garrafa para o rei. Mas inves de ser um gênio era uma genia. Bibat estranhou uma genia inves de um gênio.

Ai então o rei decidiu fazer seus três pedidos. Mas a genia não saia di la de jeito nenhum então o rei furioso gritou: quebrem essa garrafa agora o então serão despedidos. Os sulditos pegaram bateram na garrafa e não adiantou nada a genia não saiu. Mas a genia so não saiu por causa que ele não esfregou a garrafa por isso ela não saiu di la e la ficou 20 anos até ficar velho. Ai foi a hora que ele decidiu pedir para que ela saisse dela mas quando ela saiu o pobre velho morreu de emoção, então ele deveria ter pedido antes de ficar tão velho.

No texto 2 no segundo observe que: *Ai então o rei decidiu fazer seus três pedidos. Mas a gênia não saia di la de jeito nênhum então o rei furioso gritou: Quebrem essa garrafa agora ou então serão despedidos.* O uso do *então* como elo de ligação está incorreto, pois o *então* não desempenha na frase o papel que lhe cabe que é de estabelecer relação semântica e de ligar uma parte do discurso com a seguinte. Já que a frase que a antecede é: *Mas inves de ser um genio era uma genia. Bibat estranhou uma genia inves de um genio.* Como sugestão poderia se trocar o *então* pelo conectivo *porém, pois* tem a função de caracterizar a função entre um enunciado e outro.

No primeiro parágrafo o aluno se contradiz quando:

Era uma vez um rei muito imaginario que tinha que tinha um grande vontade de encontrar a lâmpada do aladim, muitos anos depois que aladim já tinha morrido ha uns dois mil anos atras, ele a escondeu em alguma caverna e niguem nunca achou mas Bibat o rei nunca desistiu de procurar. Até que um dia os súditos do rei trouxeram a garrafa para o rei [...]

Portanto se o personagem Aladim já havia morrido, ele não poderia ter escondido a lâmpada numa caverna. O erro se dá quando o aluno usa o pronome *ele* referindo-se ao personagem, separando o enunciado por vírgula dando um sentido que é contraditório.

As contradições do texto continuam quando diz: *Ele a escondeu em alguma caverna e niguem nunca achou [...]* mais a diante, o texto apresenta a seguinte frase *Até que um dia os súditos do rei trouxeram a garrafa para o rei*. Se o texto afirma que ninguém nunca achou a lâmpada porque que mais a diante diz que encontrou a garrafa e não a lâmpada, pois já que no início do enunciado referia-se a lâmpada e não há uma garrafa, substituído um termo pelo o outro.

Estas substituições de termos e essas contradições fazem com que o texto fique incoerente. Esta falta de coesão e coerência prejudica a unidade de sentido do texto, tornando-o assim precária de interpretabilidade.

Outro elemento que percebe-se no texto são as marcas da oralidade podemos notar nas palavras das frases: *Mas a genia não saiu di la de jeito nenhum então o rei furioso gritou: [...]*

Mas a genia so não saiu por causa que ele não esfregou a garrafa por isso ela não saiu di la e la ficou 20 anos até ficar velho. Ai foi a hora que ele decidiu pedir para que ela saisse dela mas quando ela saiu o pobre velho morreu de emoção, então ele deveria ter pedido antes de ficar tão velho.

Também percebi na frase seguinte a ambigüidades de sentidos: *Mas a genia so não saiu por causa que ele não esfregou a garrafa por isso ela não saiu di la e la ficou 20 anos até ficar velho*. Não fica evidente quem fica *velho* se é a gênica ou se é o rei, dando assim à frase a margem de duplo sentido.

3.3 Texto 3

O gênio da garrafa

Um dia, um velho senhor estava na rua da sua casa, de repente o senhor viu uma garrafa ele pegou

Aquela garrafa, e levou para casa chegando na sua casa, ele abriu a garrafa. De dentro da garrafa saiu uma fumaça e depois apareceu um gênio ele falou: - você tem direito de fazer três pedidos o senhor nem Pensou duas vezes e Pediu que ele fosse rico e Poderoso e queria ter poderes mágicos.

O senhor tornou rico e comprava tudo o que ele queria mas ele não comprava uma coisa a felicidade que ele não tinha ele pensou do que adianta ter tudo mas não a felicidade.

No texto 3 o aluno apresenta, no primeiro parágrafo, uma repetição de palavras, observe: *Um dia, um velho senhor estava na rua da sua casa, de repente o senhor viu uma garrafa ele pegou aquela garrafa, e levou pra sua casa chegando na sua casa, ele abriu a garrafa.* Essa repetição de palavra *casa* e *garrafa*, compromete a estrutura frasal do parágrafo. Podemos sugerir que o parágrafo se estruture da seguinte forma: *Um dia, o velho senhor estava na rua da sua casa. De repente, o senhor viu uma garrafa, pegou levou-a para dentro e abriu.*

No terceiro parágrafo os tempos verbais encontram-se diferentes, prejudicando a estrutura da frase, percebe-se aqui: *O senhor tornou rico e comprava tudo que ele queria mas ele não comprava uma coisa a felicidade que ele não tinha ele pensou do*

que adianta ter tudo mas não a felicidade. Como sugestão poderia reescrever O senhor ficou rico e comprou tudo que queria, menos a felicidade. Então, ele pensou de que adiantava ter tudo que o dinheiro pudesse comprar e não ter a felicidade.

Também há no texto a recorrência do pronome *ele* fator este muito presente nas análises das produções dos alunos, percebe-se que eles fazem uso inadequado do pronome.

3.4 Texto 4

O arabe

Era uma vez um arabe que achou uma garrafa mágica.

Aí a genea da garrafa olhou feio pra ele, e falou:

- Quem é você pra me perturbar? E ele respondeu:

- Sou um arabe, e medito todo o dia. Ela perguntou:

- O que deseja? ele responde

- Eu quero ser rico, eu quero saber voar, eu quero ter poderes, eu quero ser um rei, eu quero ter uma mulher ela respondeu:

- Calma, calma...

- Eu só posso realizar 3 três desejos! ele respondeu!

- Ta bom, só três: eu quero ser rico, eu quero ser um rei, eu quero ter uma mulher que me ame.

Ela respondeu:

- Eu vou realizar seus desejos.

E ele foi feliz para sempre.

O texto 4 apresenta dois fatores de textualidade importantes: a coerência e a coesão. O texto desenvolvido apresenta uma linearidade nas idéias. Já que apresenta uma seqüenciação das idéias, podemos dizer também que é um texto que apresenta o fator de coesão. O texto falha quando na sua estrutura a pontuação não desempenha o papel que lhe cabe.

No trecho: - *Sou um arabe, e medito todo o dia. Ela perguntou.* Percebe-se que a primeira frase está afirmando, poderia ficar assim: - *Sou um árabe! Medito todo o dia. Ela perguntou:.* Podemos dizer segundo KOCK, e TRAVAGLIA que: “Ao construir um texto, o produtor recria o mundo de acordo com seus objetivos, propósitos, interesses, convicções, crenças, etc” (p. 70). Então, cada aluno vai trazer para seu texto o mundo textual que carrega e o que ele acredita que seja importante na hora da produção escrita.

3.5 Texto 5

A lampada magica

Era uma vez um genio que estava pasiando nas areias dezertas da arabia com seu tapetes magico.

E de longe o genio avistol alguma coisa brilhante é ele ficol curioso é ele foi ver de perto é ele vil que era uma lampada magica e a lampada consedil, tres dezejios para ele.

I o genio voltol para o castelo e pensol no que pidir e ele pensol em pedir uma mulher que tidaria um filhos e munto carinho.

E a lanpada magica lhe consedil o dezejo e acontecel tudo que ele seria e o genio ficol filis para cempre.

A análise do texto 5 nos mostra uma dificuldade do aluno em grafar as palavras corretamente, deixando palavras ausentes de acentuação, conjugação do verbo incorreta, a troca da vogal (U) pela consoante (L), no final das palavras.

O texto apresenta a recorrência das marcas da oralidade: *pasiando, dezertas, avistol, ficol, vil, consedil, dezejos, voltol, pensol, pidir, tidaria, munto, lanpada, acontecel, filis, cempre*. Estas marcas estão bastante presente no texto do aluno..

Podemos perceber a conjugação inadequada do verbo: *E de longe o genio avistol alguma coisa brilhante é ele ficol curioso é ele foi ver [...] e também no último parágrafo: E a lanpada magica lhe consedil o dezejo e acontecel tudo que ele seria e o genio ficol filis para cempre*, deveria usar o verbo *querer* no lugar de *ser*.

No texto o aluno refere-se a três desejos: *E de longe o genio avistol alguma coisa brilhante é ele ficol curioso é ele foi ver de perto é ele vil que era uma lampada magica e a lampada consedil, tres dezejos para ele*. Mas o texto apresenta dois desejos, portanto, o aluno não conclui sua idéia principal da produção de texto, deixando o texto sem um dos fatores de textualidade que é a coerência. Assim, o texto não obedece uma linearidade de sentidos.

Segue, abaixo, uma das propostas de melhorar o texto número cinco.

A lâmpada mágica

Era uma vez um gênio que passeava nas areias desertas da Arábia, com seu tapete mágico.

Ao longe o gênio avistou alguma coisa brilhante, ele ficou curioso e foi verificar de perto, foi então que viu uma lâmpada mágica. Esta lâmpada concedeu-lhe três desejos.

Sendo assim, o gênio voltou para o castelo e pensou no que pedir. Assim resolveu pedir uma esposa que lhe desse filho e muito carinho.

Seu pedido foi atendido pela lâmpada, e aconteceu tudo como havia pedido. O gênio ficou feliz para sempre.

Como podemos observar que um texto para ser coeso e coerente precisa ter uma linearidade de idéias, apresentarem os elos que vão deixar o texto coeso. Não deixa o texto sem a linearidade de idéias, o deixa incoerente.

Pude perceber que os textos produzidos pelos alunos não apresentam coesão e coerência, apesar de não seja uma questão geral. Há alunos que desenvolvem textos coesos e coerentes, textos estes que apresentam poucas falhas. Já que o objeto de pesquisa são os textos que não apresentam os fatores de textualidade. Observei que enquanto professor, devemos nos preocupar com esta questão. Por isso sugiro que estes textos pesquisados sejam fontes de pesquisa para que possamos melhorar essa prática de produção de texto. Para isso é necessário que o professor desenvolva mais a habilidade da leitura com a escrita; não dissociando uma da outra; já que um aluno com uma bagagem maior de leituras tem melhores condições de desenvolver a habilidade de se produzir textos que apresentem os fatores de textualidade mais adequada.

Com isso faz necessário que o professor busque a interdisciplinaridade para que os alunos conheçam e ampliem seus vocabulários lingüísticos e através destes realizem as atividades propostas, fazendo assim um intercâmbio de várias leituras não só a mecânica, mas a leitura de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, observa-se, a partir das análises, que a produção de textos na escola não tem acontecido de maneira a formar produtores de textos mais eficientes. Fato que se pode perceber na dificuldade que o aluno apresenta na articulação das idéias e no uso de elementos de coesão adequadas.

Percebe-se nas observações em sala, que o texto não é inserido em atividades significativas de linguagem, ao contrário faz-se uso do mesmo em atividades artificiais de interpretação e leitura que contribuem para a produção de texto. Como consequência disso, fica evidente que as dificuldades que o aluno apresenta para produzir textos coerentes e coesos não se concentram apenas no momento da escrita, mas sim em todo o processo, incluindo as concepções de linguagem e texto que o professor confessa em sua prática pedagógica.

Pode-se dizer que as estratégias utilizadas pela professora no momento da produção textual, poderiam surtir melhor resultado se a mesma apresentasse as características da tipologia textual trabalhada, solicitando o planejamento do texto, levando em consideração as condições de produção, a finalidade do texto, o modo de dizer, a linguagem utilizada e ainda, trabalhar com a revisão e reescrita do texto antes de solicitar a versão final do texto. Com certeza, os resultados seriam outros. Isso exige um professor que tenha clareza dos seus objetivos, do ponto onde deseja chegar. Se isso não for claro para o mesmo, o resultado não será positivo e a aula de produção de texto não terá cumprido sua finalidade e o professor não cumprirá o objetivo do PCN:

[...] espera-se que aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania [...] (PCN, p. 32)

Com isso, para que o trabalho com a produção de textos no ensino fundamental se efetive de maneira a formar cidadãos que usem a linguagem oral e escrita com proficiência, é preciso que o professor seja pesquisador, para que a sua prática de leitura e produção de textos seja coerente e realmente forme produtores de textos proficientes.

Espera-se que as questões levantadas aqui contribuam para a reflexão sobre a prática de escrita adotada na escola de ensino fundamental e, conseqüentemente, para futuras discussões sobre o ensino de Língua Portuguesa no que diz respeito à prática de produção escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAVERO, Leonor Lopes. *Coesão e Coerência Textuais*. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. Cascavel: Ed. Assoeste, 1984.

KOCH, Ingedore Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A Coerência Textual*. São Paulo: Ed. Contexto, 1995.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Ed. Contexto, 2003.

LOURDES, Maria de e MATÊNCIO, Meirelles. *Leitura produção de textos e a escola*. Campinas: Ed. Mercado Letras, 2002.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

ZEN, Maria Izabel H. Dalla e XAVIER, Maria Luisa M. *Ensino da língua materna: para além da tradição*. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998.